



2018

ISSN: 2359-6597

## A METAFÍSICA POR TRÁS DA ÉTICA SCHOPENHAUERIANA

Luciana Vanuza Gobi\*

**Resumo:** Explora-se no presente artigo a existência de uma concepção metafísica por trás da teoria ética defendida pelo filósofo Arthur Schopenhauer. Para o desenvolvimento desta investigação será utilizado às obras: *Sobre o Fundamento da Moral* e *O mundo como vontade e como representação*. A partir dessa análise apresentar-se-á o conceito de compaixão, esse sentimento demonstra-se essencial na medida em que o filósofo o utiliza como fundamento de sua moral, também será apresentado o conceito de Vontade dada a sua centralidade na metafísica Schopenhaueriana. Exposto esses conceitos discutiremos as suas relações, pois, da forma na qual o sujeito, segundo Schopenhauer, se compadece com o outro, identificando-o como um “eu-mais-uma-vez” joga-se que a ideia de Vontade perpassa a ideia compaixão, por isso os indivíduos compreendem o outro como uma extensão sua, uma vez que em última instância tudo ou todos pertenceriam à vontade.

**Palavras-chave:** Ética. Metafísica. Schopenhauer.

### Introdução

Em *Sobre o fundamento da Moral*<sup>1</sup> o filósofo contemporâneo Arthur Schopenhauer defende uma concepção ética alicerçada no sentimento de compaixão. Através desse artigo investigam-se quais as razões que levam o autor utilizar-se de tal sentimento como fundamentação de sua teoria. Na sequência será analisado como se dá esse processo de compadecer-se com o próximo, discutiremos se: o sujeito que se compadece com aquele que se encontra em sofrimento o identifica como alguém igual, mas ainda assim, o entende como uma pessoa distinta, ou identifica esse outro como sendo um único ser, ou seja, compreende-o como sendo “eu-mais-uma-vez”.

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. [lucianavg16@gmail.com](mailto:lucianavg16@gmail.com)

<sup>1</sup> Obra apresentada originalmente em 1840 em um concurso promovido pela Sociedade Real Dinamarquesa de Ciências de Copenhague.

Defende-se aqui a posição de que a compaixão tal como é entendida por Schopenhauer se dará pelo reconhecimento do outro como sendo “eu-mais-uma-vez”. A partir disso, explora-se a existência de uma metafísica a fim de explicar, essa unidade. Em outras palavras, é preciso compreender o conceito de Vontade presente na teoria Schopenhaueriana, para isso será utilizado a obra *O Mundo como vontade e como representação* por meio deste conceito será possível ultrapassar os fenômenos ou como diria Schopenhauer as representações e alcançar a coisa-em-si, o que ele se refere como Vontade. Na medida em que se compreende o conceito de Vontade é que então será possível entender a sua metafísica e conseqüentemente a sua relação com a ética.

Conforme Schopenhauer utiliza-se da compaixão como fundamento moral é possível observar um distanciamento da concepção racionalista proposta por Immanuel Kant (1969), isso ocorre pela crença do filósofo de que a razão é desprovida da capacidade de motivação, ou seja, uma ética racionalista não seria capaz de fornecer elementos suficientes que então conduziriam o agente a ação.

Além de se distanciar da ética kantiana o filósofo se dedica a realização de uma crítica. Sendo assim, Schopenhauer descreve tal ética como: “O valor do caráter só se institui quando alguém sem simpatia no coração, frio e indiferente ao sofrimento de outrem, realiza boas ações não nascidas, na verdade, da solidariedade humana, mas apenas por causa do enfadonho dever”. (SCHOPENHAUER, 2001, p 40). Além de criticar o formalismo e a frieza da ética deontológica, ele a contrapõe a ética religiosa.

Schopenhauer também recusará o auxílio de qualquer valor ou prática religiosa, pois, as motivações que nos seria apresentadas por essa não seriam válidas, uma vez que toda e qualquer ação que se utilize de valores religiosos não teria uma motivação genuína, já que, estas teriam suas origens dadas pela ameaça e pelo medo de um castigo, ou, pela esperança de alguma recompensa.

## **1 A ética da Compaixão ou a ética Schopenhaueriana**

Antes mesmo de apresentar o sentimento que fundamenta sua teoria moral, Schopenhauer demonstrar quais são os sentimentos antimorais, deste modo, revelando tanto uma preocupação positiva quanto negativa de esclarecer aos seus leitores sobre quais são os elementos que contribuem com o seu projeto. Isto fica visível na medida em que o filósofo em *Sobre o fundamento da moral*, então, pontua o egoísmo e a maldade como as motivações antimorais e a compaixão como a motivação moral.

Para que se possa compreender como esses fenômenos surgem ao homem e então como eles os orientam é preciso que se investigue a natureza humana. A partir desta investigação Schopenhauer afirma que o egoísmo, por exemplo, encontra-se:

[...] ligado o mais estreitamente possível, tanto no homem como no animal, com o âmago e o ser mais íntimo deles e lhes é propriamente idêntico. Assim todas as suas ações surgem, via de regra, do egoísmo, e é sempre neste que deve ser por fim buscada a explicação de uma ação dada, como também é nele que está inteiramente fundamentado o cálculo de todos os meios pelos quais busca-se conduzir o homem a qualquer alvo que seja (SCHOPENHAUER, 2001, p.121)

Esse sentimento, o egoísmo, será na perspectiva do autor, algo tão natural que pode ser observado tanto em seres racionais quanto em seres irracionais. Desta forma, o egoísmo se demonstra com uma paixão que atingirá não exclusivamente os homens, mas também os animais. Além disso, é possível observar que este sentimento dará as condições necessárias para o surgimento de outro princípio antimoral, a saber, a malevolência. De acordo com Schopenhauer:

[...] a malevolência nasce da inevitável colisão dos egoísmos que se dá a cada passo. Logo será estimulada também objetivamente pelo espetáculo dos vícios, erros, fraquezas, loucuras, carências e imperfeições de toda espécie, que, em maior ou menor grau, cada um oferece aos demais, pelo menos ocasionalmente (SCHOPENHAUER, 2001, p.125)

Observar que o egoísmo e a maldade estão assim tão enraizados nos homens, pode ser desanimador para pensar o estabelecimento de uma ética, contudo, o autor defenderá que a compaixão - da mesma forma que aquelas duas paixões - ocupará um espaço na natureza humana. A sua manifestação pode ser observada, de acordo com Schopenhauer:

[...] só por meio do fato de que o outro se torne de tal modo o fim último de minha vontade como eu próprio o sou... isto, porém, pressupõe necessariamente que eu sofra com o seu mal-estar, sinta seu mal como se fora o meu [...] isto exige, porém que eu me identifique com ele... já que não posso entrar na pele de outro, então só através do conhecimento que tenho dele, isto é, da representação dele na minha cabeça, é que posso me identificar com ele[...] o processo aqui analisado... É o fenômeno diário da compaixão (SCHOPENHAUER, 2001, p.135-136).

A partir do momento que Schopenhauer adota a compaixão como o sentimento que fundamenta a sua ética, destaca-se que sua teoria encontra-se centrada no outro, ou seja, as ações dos indivíduos devem possuir como motivação o bem-estar do outro como sendo o seu próprio. Assim sendo, nota-se que se antes tínhamos os indivíduos preocupados única e exclusivamente com o seu próprio bem-estar, portanto, sendo eles dirigidos pelo egoísmo,

agora é possível afirmar que os homens passam a tomar o bem-estar alheio como uma preocupação sua, demonstrando assim ser possível à compaixão<sup>2</sup>. O único obstáculo consiste em compreender a dor ou o bem-estar do outro como sendo também meu. E será:

[...] Só por meio do fato de que o outro se torne de tal modo o fim último de minha vontade como eu próprio o sou. Através, portanto, do fato de que quero imediatamente seu bem e não quero seu mal, tão diretamente como se fosse o meu. Isto, porém, pressupõe necessariamente que eu sofra com o seu mal-estar, sinta seu mal como se fora o meu e, por isso, queria seu bem como se fora o meu próprio. Isso exige porém que eu me identifique com ele, quer dizer, que aquela diferença total entre mim e o outro, sobre o qual repousa justamente o meu egoísmo, seja suprimida pelo menos num certo grau. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 136).

A identificação com o outro em Schopenhauer jamais ocorrerá fora de si, ao contrário, ela acontece a partir de uma consciência de unidade, esta estabelecida através do conceito de Vontade<sup>3</sup>. Para entendermos melhor esse processo é preciso também problematizar a ideia de individualidade, ou de acordo com a linguagem utilizada pelo autor, o princípio de individualização. Essa concepção será dada a partir dos conceitos de espaço e tempo que então propiciam aos indivíduos uma ilusão de distanciamento com relação aos outros e até mesmo do mundo que o cerca. De acordo com a pesquisadora Maria Lucia Cacciola:

É do ponto de vista da representação que existem, pois, indivíduos separados, e, aí, o egoísmo se faz presente como o motivo antimoral por excelência. Em contrapartida, do ponto de vista da Vontade, é a mesma essência que se manifesta, tornando possível o surgimento da compaixão, que é o fundamento das demais virtudes, a justiça e a caridade, e de toda ação que tenha um valor moral. Aí se mostra a interdependência dessa ética e da metafísica, pois no mundo que fosse considerado apenas do ponto de vista ideal, no mundo tomado como representação, nenhum sentido moral poderia ser atribuído à ação humana. (CACCIOLA, 1994, p.158)

## 2 A Metafísica Schopenhaueriana a partir do Conceito de Vontade

Para que se possa compreender a metafísica envolvida na ética schopenhaueriana é preciso que se analise não apenas a obra *Sobre o Fundamento da Moral*, mas, também *O Mundo como vontade e como representação*, pois, é através desta obra que o filósofo explanará sobre o seu conceito de Vontade, e, é a partir desse conceito que será possível compreender à sua proposta de metafísica.

---

<sup>2</sup> É importante destacar que Schopenhauer não acredita que o homem possa progredir eticamente, para o autor só será possível algumas melhorias, estas realizadas pelo intelecto.

<sup>3</sup> Para compreendermos como se dá o processo de identificação com o outro, ou melhor, como se dá o processo de reconhecimento do outro como algo que também pertence à vontade é necessário esclarecer a metafísica Schopenhaueriana, isso será feito no tópico dois deste trabalho.

Schopenhauer descreverá a Vontade como uma força primordial que se encontra em todos os objetos, sejam eles animados ou inanimados, contudo, ela só se objetiva, isto é, desenvolve sua complexidade através dos seres racionais e irracionais que se iniciam em ações simples como, por exemplo, as práticas vitais (SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 20, p. 167) até atingir a o auge de sua complexidade ao se multiplicar a partir das categorias de espaço e do tempo o que torna possível o que o autor chamará de princípio de individuação (SCHOPENHAUER, A. MVR I, § 23, p. 171; M, § 22, p. 213). Esta por sua vez, só será possível entre os seres racionais.

Ainda sobre o conceito de Vontade Schopenhauer afirma que: “pode ser compreendida como: “a essência íntima do mundo, a coisa-em-si, é a vontade, a vontade de viver, e esta, enquanto tal conta com três propriedades metafísicas: a unidade, a infundamentabilidade, e a incognoscibilidade”. (SCHOPENHAUER, 2001, p.117). Nota-se que ao caracterizar a vontade como sendo algo sem fundamento e sem finalidade, o autor, revela a dificuldade existente em conseguir compreender e, por conseguinte, explicar esse conceito.

A vontade se manifesta nos indivíduos objetivando-se em forma de necessidade e/ou desejo que se mantém permanentemente em alteração. Conforme essa necessidade ou desejo é satisfeito não demora muito para que outro surja em seu lugar. Desde modo, o desejo, o querer não cessam. Dentro deste contexto, só será possível, de acordo com o filósofo, a felicidade em termos negativos, ou seja, é preciso que se abandone a ideia de que somos felizes quando realizamos as nossas vontades, será preciso resignificá-la e agora interpretá-la na ausência das necessidades.

A ampliação da Vontade como essência de todos os fenômenos é estabelecida por meio de um procedimento analógico. [...] A base para essa analogia que permite dotar todos os fenômenos da mesma essência humana reside no fato de que os demais objetos, considerados como representações, são idênticos ao corpo, isto é, preenchem o espaço e nele atuam por meio da causalidade. E assim, do mesmo modo que podemos conhecer o nosso corpo de duas maneiras distintas, podemos por analogia admitir que os demais fenômenos sejam, de um lado, representações, e de outro, “o que em nós chamamos vontade”. (CACCIOLA, 1994, p.50)

## Conclusão

Para compreendermos a relação entre metafísica e ética existente na teoria schopenhaueriana, iniciamos esse trabalho investigando os princípios que fundamentam sua concepção moral. Vimos que o autor descarta qualquer possibilidade de uma ética pautada na racionalidade, uma vez, que ela não possui a capacidade de motivar a ação humana, a partir

disso, nota-se que o filósofo busca por um princípio vinculado a dimensão emotiva, além disso, nota-se que o princípio deve ser genuíno. Deste modo, vimos também que qualquer prática ou valor religioso será descartado.

Analisando a natureza humana o autor alcança o sentimento de compaixão que então apontará como sendo a fundamentação da sua teoria moral, além disso, o autor aponta para a maldade e o egoísmo, descrevendo como os princípios antimorais. De acordo com o filósofo esses três sentimentos são os que gerem as ações éticas e antiéticas, essas paixões acometem os seres humanos de forma aleatória, isto é, de acordo com a sorte e o acaso. Conforme o autor uma pessoa malevolente será então assim durante toda a sua vida, o mesmo acontecerá com as pessoas identificadas como compassivas e egoístas. Pois, não há nada que possa ser feito para alterar a sua natureza Logo, Schopenhauer releva uma posição pessimista demonstrando que não há possibilidades de uma educação moral, isto é, seria impossível melhorar o caráter, sendo assim, estaríamos estagnados. O filósofo afirma que de fato não há como alterar esse cenário em sua essência, ou seja, não é possível alterar a natureza humana, contudo, é possível minimizar alguns problemas na medida em que é possível uma educação do intelecto.

Por fim, se conclui que a ética schopenhaueriana encontra-se diretamente ligada a sua concepção metafísica dado que os indivíduos serão compassivos uns com os outros conforme perceberem que o bem-estar do outro é tão importante quanto o seu próprio bem-estar, ou melhor, o bem-estar do outro se trata do seu próprio bem-estar uma que todos se encontram vinculados à Vontade. De acordo com Schopenhauer, na medida em que, me percebo vinculado a Vontade, então, perceberei o outro como sendo “eu-mais-uma-vez”

## Referências

CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. **Schopenhauer e a questão do dogmatismo**. São Paulo: EDUSP, 1994;

DEBONA, V. A teoria da ação humana de Schopenhauer como grande e pequena ética. In: Francesco Giordano; Mario Carparelli; Simona Apollonio. (a cura di). **Per mari inesplorati. Studi in onore del Prof. Domenico M. Fazio**. Lecce: Pensa MultiMedia, 2017, pp. 187-213;

\_\_\_\_\_. Pessimismo e eudemonologia: Schopenhauer entre pessimismo metafísico e pessimismo pragmático. **Kriterion**, Belo Horizonte, vol. 57, n. 135, Sept./Dec. 2016 – disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v57n135/0100-512X-kr-57-135-0781.pdf>>.

SCHOPENHUAER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: EDUSP, 2005;

\_\_\_\_\_. **Aforismos para a sabedoria de vida.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009;

\_\_\_\_\_. **Bastar a si mesmo.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012;

\_\_\_\_\_. **Sobre o Fundamento da Moral.** Tradução de Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001;